

CHASQUI



O CORREIO DO PERU

Ano 1, número 2

Boletim Cultural do Ministério de Relações Exteriores

Novembro 2003



Mario Urteaga, Maratónio em Cajamarca 1939. Óleo sobre tela 62x63-5 cm.

JORGE BASADRE: FILOSOFIA DE UM HISTORIADOR
LEITURAS AMAZÓNICAS / J. E. EIELSON: POESIA ESCRITA
O HORIZONTE INDIGENISTA DE MARIO URTEAGA
TUMBAS REAIS DE SIPÁN: UM MUSEU PARA O MUNDO

LEITURAS AMAZÔNICAS

A crescente produção bibliográfica dedicada a Amazônia é muito atraente considerando a espetacular biodiversidade, riqueza cultural, potencial socio-econômico e extensão da região: 736 mil km² no caso do Peru, quase 60% de seu território. Diante da recente aliança estratégica entre o Peru e o Brasil, o interesse se multiplica para que os desafios de desenvolvimento e proteção desse espaço vital do planeta sejam abordados.

De uma simples lista merece ser destacada a monografia enciclopédica do espanhol, da ordem de Santo Agostinho, Avencio Villarejo (1910-2000), *Así es la selva*, cuja quinta edição, corrigida e aumentada, acaba de editar o Centro de Estudos Teológicos da Amazônia, encarregado também da notável *Monumenta Amazónica* (principais fontes históricas dessa bacia hidrográfica, do século XVI ao século XX, de próxima publicação). Mas, se Villarejo oferece uma visão geral, o impecável volume sobre as reservas de Bahuaja-Sonene e Madidi do norte-americano Kim MacQuarrie estuda com esmero essa região sulina, à que protege um esforço bilateral compartilhado por nosso país e Bolívia.

Um recente estudo de Beatriz Huertas (1) segue o rastro dos isolados povos nativos e propõe uma série de recomendações para protegê-los. Também é imprescindível o trabalho de Fernando Santos Granero e Federico Barclay sobre a economia de Loreto no período do último século e meio, desde a abertura do Amazonas à



André Bärtschi

navegação internacional até a assinatura do Acordo de Paz com o Equador. Pode ser mencionado ainda um valioso livro sobre o reino dos Chachapoyas ou um original estudo sobre os Huni Kuin (2). Caberia também indicar os escritores amazônicos ou da região como tema literário. Resta assinalar pelo momento que essa copiosa produção compreende outras manifestações, entre as quais se destaca *La serpiente de agua* (3), amostra sobre as culturas nativas que se leva a cabo em Lima, na Estação dos Desamparados (A.R.R). •

- (1) *Los pueblos indígenas en aislamiento*. Grupo internacional sobre Assuntos Indígenas. Lima, 2002. iwgia@iwgia.org
(2) *Chachapoyas. El reino perdido*. Elena Gonzales e Rafo León. AFP Integra, Lima, 2002. Ver também *Pensar el otro entre los Huni Kuin da Amazonía Peruana*. P. Deshayes e B. Keifenheim. Instituto Francês de Estudos Andinos/ Centro Amazônico de Antropologia e Aplicação Prática. Lima, 2003. www.ifeanet.org e www.caaap.org.pe
(3) Ver www.ojoverde.perucultural.org.pe

PARA QUE SERVE A BIODIVERSIDADE

Em 1977, devido à crise de carburante que o mundo desenvolvido experimentou, um químico estado-unidense chamado Melvin Calvin se internou na selva, seguindo a alguns índios brasileiros, para buscar um óleo muito peculiar. Diante de uma enorme árvore da abóbada vegetal, Calvin, cientista destacado com o prêmio Nobel, observou com curiosidade quando os índios retiravam um tampão da base da árvore, onde meses antes tinham feito uma pequena perfuração. Repentinamente uma seiva oleosa começou a brotar, litro após litro, até completar 24. Os índios contaram a Calvin que utilizavam o óleo como suavizante para a pele. Não obstante, depois de análises químicas, Calvin descobriu, assombrado, que aquela seiva continha quase somente hidrocarburos. Por mais estranho que parecesse, o óleo podia ser usado

diretamente num motor diesel e movimentar um caminhão. Feitos alguns cálculos, Calvin chegou à conclusão de que uma plantação de 1,2 hectares com 300 árvores de copaiba (*Copaifera Landsdorffii*), poderia produzir 18 mil litros de gás-óleo por ano. E, a diferença do petróleo extraído do solo, a árvore carburante poderia se renovar interminavelmente, alimentada pela sua interação com o sol, o solo e a chuva.

Após de alguns anos da descoberta de Calvin, a crise dos carburantes amainou e os preços do petróleo voltaram a cair nos mercados mundiais. A investigação sobre a milagrosa natureza da copaiba se deteve. Mesmo assim, essa história serve para remarcar dois fatos básicos a respeito da floresta pluvial: em primeiro lugar, as florestas pluviais contêm muitos recursos potenciais,

a maioria dos quais ainda inexplorados devido à assombrosa variedade de espécies; em segundo lugar, os povos indígenas dessas regiões possuem um acervo de conhecimentos que precisaram milênios para acumular e que estão se perdendo rapidamente.

A árvore do carburante é um dos milhares de produtos valiosos ou potencialmente valiosos, gerados nos bosques pluviais do mundo inteiro, onde todos os anos se descobrem novos recursos. Nessa região, a mais diversa dos sistemas biológicos do planeta, as florestas pluviais auto-sustentáveis da Terra convertem, dia após dia, os detritos do solo, literalmente, em milhões de animais e de plantas com seus respectivos frutos. Essa enormidade de espécies está disponível, sendo também a mais variada e abundante do planeta, como frutas,

sementes, favas, nozes, ervas, talvez cheguem a 80 mil plantas comestíveis, carburantes, látex, borracha, óleos, especiarias, colas saborizantes e essências perfumadas, remédios, bambus, cortiça, inseticidas, cosméticos, tecidos, isolantes para tetos, materiais de embalagem, flores, saponáceos, produtos de curtume, peixes, peles de animais, carne, mel, plantas decorativas, penso, madeira, polpa, papel, juta e outros inumeráveis produtos, cuja lista cresce na mesma medida que vai sendo descoberta. O valor potencial de mercado desses produtos já equivale a vários bilhões de dólares, anualmente. •

Kim MacQuarrie. *Donde los Andes encuentran al Amazonas: Bahuaja-Sonene y Madidi, Parques Nacionales de Perú e Bolivia*. Fotos de André Bärtschi. Francis O Pathey & Sons/ Jordi Blassi, Barcelona, 2001. 366pp. Tradução de Alberto Magnet. info@grupoinca.com

No final do século XIX Venâncio Amaringo Campa, um poderoso líder asháninka, presidia uma grande aldeia indígena conhecida pelo exótico nome de Washington, localizada na desembocadura do rio Unini, afluente do alto Ucayali. Em 1893 Venâncio tinha acompanhado Carlos Fermin Fitzcarrald, um barão da borracha que passou a controlar a extração do látex no rio Manu, na procura e encontro do embarcadouro de Mishagua. Quando o padre Gabriel Sala o conheceu em 1897, ele continuava trabalhando para Fitzcarrald. Sala conta como Venâncio, encabeçando uma expedição composta por quatro grandes canoas e à frente de 25 homens armados de rifles, interceptou seu grupo a fim de capturar um pequeno comerciante chinês que viajava com Sala e que devia dinheiro a Fitzcarrald. Segundo Sala, Venâncio falava asháninka, quíchua e espanhol e portava um chapéu, um lenço no pescoço e um guarda-sol negro, símbolos de sua privilegiada posição frente ao mundo dos brancos.

Em 1900, durante uma viagem rio abaixo pelo Ucayali, o coronel Pedro Portillo, prefeito de Ayacucho, se encontrou com Venâncio e sua comitiva, que iam abrindo caminho pelo rio. Portillo narra que o chefe indígena estava levando sua gente ao rio Cújar, um afluente do Purus, recolhendo borracha para Delfin Fitzcarrald, irmão de Carlos Fermin, já falecido. Dessa vez, a comitiva de Venâncio constava de suas quatro mulheres, seus filhos, um de seus irmãos e 40 trabalhadores *selvagens*. Portillo conseguiu convencer Venâncio a acompanhá-lo de volta a Washington e descreve a aldeia, localizada num ponto estratégico, que podia se transformar numa fortaleza inexpugnável. Pelo que informa a aldeia tinha uma população de 500 habitantes, mas de junho a novembro, durante a estação seca, Venâncio

O CHEFE ASHÁNINKA VENÂNCIO AMARINGO CAMPA



André Bartschi

transportava a maioria às bacias dos rios Sepahua, Cújar ou Purus para extrair borracha, trabalhando para vários patrões locais. Durante esses meses só ficavam em Washington uns 50 ou 60 homens dedicados a custodiar e defender o assentamento, presumivelmente de ataques de outros chefes indígenas, de seu próprio grupo étnico ou de outros. Quando portillo pediu a Venâncio que lhe desse 50 de seus homens para acompanhá-lo rio abaixo, ele lhe respondeu que não podia prescindir de ninguém porque precisava cumprir o compromisso de recolher a borracha para o irmão de Fitzcarrald.

Em 1901, durante a visita que fez a um pequeno afluente do rio Purus, o explorador Victor Almirón encontrou-se de pronto com «Venâncio Amaringo Campa, Cacique do rio Unini, e umas cem famílias dessa tribo, que se ocupavam da extração da borracha». Nessa época Venâncio estava trabalhando para Carlos Scharff, um antigo capataz de Carlos Fermin Fitzcarrald. Scharff tinha se converti-

do num importante extrator e comerciante de borracha que controlava doze centros seringueiros no rio Purus e um total de 2.000 trabalhadores *civilizados* e indígenas.

Um ano depois, La Combe, designado pelo governo para explorar o rio Ucayali, fez breve escala em Washington na sua viagem rio acima. Naquele tempo, Venâncio era considerado um contato tão importante na zona, que La Combe levava uma carta de apresentação escrita pelo Coronel Portillo, designado pouco tempo antes, Prefeito de Loreto. Vale ressaltar que mudara seu nome para Venâncio Atahualpa talvez aludindo a Juan Santos Atahualpa, o renomado líder messiânico andino quem, na metade do século XVIII tinha expulsado os espanhóis da região com a ajuda dos Asháninkas e de outros grupos indígenas do lugar.

Em Washington informaram a La Combe que Venâncio tinha ido para o rio Sepahua. Uma semana depois o explorador o encontrou conduzindo rio

abaixo um comboio de canoas repletas de mulheres e rapazes indígenas que, como suspeitou La Combe, tinham sido capturados por Venâncio na zona do Sepahua. Depois de algum tempo soube por dois dos *escravos* de Venâncio que ele próprio junto com outros extratores de borracha, tinham espalhado a notícia entre os povoados indígenas do lugar que as autoridades peruanas estavam chegando num barco de guerra para roubar suas mulheres. La Combe sugere que era intenção de Venâncio atemorizar os indígenas escravizados, impedindo-lhes que acudissem às autoridades para obter a liberdade.

Segundo o padre Alemani, em 1094, Washington, o centro de operações de Venâncio tinha sido abandonado. Indagando pelo seu paradeiro, Alemani averiguou que ele tinha ido, com mais de uma centena de homens, extrair látex pelas bandas do rio Manu ou ao Madre de Dios. Isso faz pensar que nessa época Venâncio já tinha chegado a ser um extrator independente. De fato, Gow afirma que ele encarnava um desses excepcionais casos de um chefe indígena se tornar patrão seringueiro. De qualquer maneira, aparentemente, a independência de Venâncio não perdurou. Em 1910 Maúrtua informava que a mão de obra contratada pelos patrões dos seringais do rio Purus se constituía de indígenas locais e daquelas «tribos que obedecem atualmente ao velho Venâncio, cacique dos campos dos rios Sepahua e Mishagua». Esta é a última informação sobre o destino de Venâncio. ●

Fernando Santo Granero e Federica Barclay. *La Frontera Domesticada. Historia económica y social de Loreto, 1850-2000*, Pontificia Universidade Católica, Lima, 2002, 546pp. feditor@pucc.edu.pe

CENA DE CAÇA

Bela é a estampa do indígena numa cena de caça: bela e admirável. Desliza-se sem fazer ruído, tão suavemente que da impressão de não pisar o solo; não quebra gravetos e até a folhagem parece não sentir seu peso. Olhar atento, ouvido alerta, o índio, meio agachado, anda depressa quase correndo, sem perder um só detalhe. Nada escapa à sua vista nenhum insignificante galho que se move, nem a seu ouvido o estalar das folhas secas e gravetos do matagal; localiza imediatamente qualquer ruído ou canto e seu delicado olfato

consegue distinguir as ráfagas de odores, que se exalam feras e flores, cipós e trepadeiras. Com olímpico desprezo pela vida, não teme se embrenhar por lugares desconhecidos ou intransitáveis, não se esconde do ataque das feras, sejam elas jacarés, tigres ou jibóias. Precisa de um só instante para fazer pontaria e seu tiro não falha; não se vangloria e talvez de um só vigoroso grito avise sua odisséia. Conhece o rastro de todos os animais e os persegue até encontrá-los, sabe onde estão os brejos, imita o canto do pauji, do papagaio, puiuri,

da pomba e perua, atraindo-os a seu esconderijo. A perspicácia do macaco e a desconfiança do pato, a força da anta e a ferocidade do tigre, são superadas pela astúcia e a serenidade do selvícola.

Para envenenar as pontas dos dardos das flechas e lanças, o aborígene as submerge em poucos centímetros de *curare*, de cuja produção os ticunas foram consumados alquimistas. O *curare* é um veneno mais ativo que o das víboras, tendo a rara propriedade de ser inofensivo se ingerido por via estomacal, mas causar a morte em poucos minutos por via

endovenosa, mesmo a animais de grande porte. A base do *curare* é o *Strychnos castelnaei* ao que agregam outras plantas e, como se isso fora pouco, adicionam cabeças de víboras, sapos, tarântulas e outras espécies venenosas. Depois de cozido longamente em quase 20 vasilhas, o *curare* fica reduzido a uma massa pastosa e de cor escura. ●

Avencio Villarejo. *Así es la selva*, CETA, Iquitos, 2002. 197pp. www.ceta.org.pe

JORGE BASADRE

FILOSOFIA DE UM HISTORIADOR

Hugo Neira

Jorge Basadre é o mais destacado historiador do Peru republicano e do mesmo modo, o filósofo de nossos defeitos coletivos. Ainda que sua obra de história se inicie com um só volume em 1939 para alcançar em 1968 a sexta edição e 16 volumes, angariando-lhe com justa razão categoria indiscutível, o certo é que houve outra produção simultânea à obra acadêmica.

Trata-se de seus ensaios. *Perú, problema y posibilidad, La promesa de la vida peruana e Meditaciones sobre el destino histórico del Perú*. Respectivamente, 1929, 1943 e 1947. São obras claves para entender a evolução de seu pensamento e as raízes de sua imensa influência. A familiaridade com arquivos, personagens, épocas e circunstâncias, tornaram a forma de uma severa e reiterada admoestação ao país não acostumado a cumprir: Os mencionados ensaios, em que o historiador trabalhou repetidas vezes, que corrigiu e voltou a publicar até sua velhice, prova do tanto que lhe importaram, foram o lugar de enunciação de algumas de suas mais logradas fórmulas: «a promessa», a diferenciação entre «o país legal e o país profundo». Meditações de Basadre, às vezes aflições, reflexões, recordações, novo sentido de compreensão da vida peruana não somente pelo já ocorrido mas pelo que o próprio país poderia chegar a ser, vencendo a inércia de seus reiterados defeitos. Um discurso de moralista, hoje de dolorosa atualidade e que iniciando o século XXI, concede a Jorge Basadre, a leitura cidadã e um lugar inusual de mestre de conduta republicana, ele que preferiu durante a vida, evitar a notoriedade do poder político, apesar de alguns cargos passageiros.

A VIDA

Nasce dia 12 de fevereiro de 1903 na cidade de Tacna, sob ocupação chilena. A casa familiar, «a pátria invisível», o Peru como recordação e possibilidade, marcaram sem dúvida alguma, sua precoce vocação pela história, como ele próprio evoca. Basadre sempre foi um tacnenho, e um patriota, sem perder um vago sentimento socialista que adotara quando moço. Sua infância é marcada também pelo pai, que servira como soldado em San Juan e em Miraflores durante a guerra, o qual perderá prematuramente, mas que tinha decidido não deixar sua cidade natal. A experiência tacnenha se soma sua formação no Colégio Alemão, no Guadalupe e depois São Marcos de onde foi o catedrático mais jovem. Um estudioso mesmo vindo do movimento reformista. A fama da que hoje goza, a

vastidão de sua obra, o fato de que desde 1958 até a morte se reclusa voluntariamente, na elaboração de sua monumental história, podem nos levar a um juízo equivocado de sua existência. Basadre conheceu altos e baixos, vicissitudes próprias da condição de intelectual peruano. Cedo, em 1927, esteve preso na ilha de San Lorenzo, durante o período do presidente Leguía. Teve seu tempo de peregrinação pelo exterior, entre 1931 e 1934, pela Alemanha e Espanha, conhecendo Berlim no tempo da ascensão do nazismo e presenciou em algum ato público os discursos de Goebbels e de Hitler.

governos democráticos. Não o atraiu a política nem a função diplomática. Quis viver no Peru, embora lamentara, no final de sua vida, não ter gozado de mais tempo e recursos ou de alguma instituição universitária para poder se consagrar a suas pesquisas, como poderia ter feito, de exilar-se em alguma universidade americana. Nunca chegaremos a saber se lograria ter a consciência do Peru profundo, estando longe de seu país.

A RENOVACÃO DO SABER HISTÓRICO

A memória da província, o fervor



Arquivo Caretas

Graças ao domínio do idioma alemão que aprendera na infância com seu avô materno, pode fazer alguns cursos na Universidade de Berlim que o levaram mais tarde a adotar técnica e conceitos de uma forma de escrever história pouco frequente no mundo ibérico. Viajou também aos Estados Unidos, umas 11 vezes ao longo de sua vida. Já em Lima, foi sucessivamente catedrático e bibliotecário, ocupou-se várias vezes da Biblioteca Nacional, escreveu muitas outras vezes, e, anos mais tarde, confessou que devia mais a esses arquivos em sua formação pessoal que a Universidade de San Marcos de sua época. Foi Ministro de Educação em 1945 por dois meses e em 1956 por dois anos. Em ambos casos, durante

da Reforma Universitária, o clima dos anos vinte, jogarão um papel decisivo na sua evolução metodológica. Em 1929, sendo o mais jovem catedrático, as autoridades lhe encarregaram o discurso de abertura do ano acadêmico e ocorre então, *La multitud, la ciudad y el campo en la historia del Perú*. Basadre consegue lançar o fato histórico em plena modernidade. Outros protagonistas sociais, as massas, a multidão, o povo. A história nunca mais será a mesma. Mas não é uma ruptura brutal. Ainda na *Iniciación de la República*, guarda o ponto de vista monárquico e se ocupa dos caudilhos militares, mas, prestando atenção aos fatores ideológicos e sociais, desliza a história a aspectos que a história clássica ignorava. São com

Basadre outros aspectos, genéticos ou de fundo, a nobreza e os emigrados, o clero, as classes médias, as classes populares, os indígenas, os negros. Irrompe o tema da existência do Peru como Estado e a nação como processo histórico, o circunstancial e o permanente, os indivíduos e os grandes tropismos sociais. Pode se ver nessa combinação de sociologia, economia e história uma influência da escola francesa de *Anais*. Na realidade, as datas não coincidem, Basadre inicia sua construção de outra forma de saber histórico um pouco antes da aparição da obra de Fernand Braudel. Cabe ressaltar ser uma assombrosa coincidência, considerando o pouco ou quase inexistente contexto institucional para investigação do acontecer peruano.

PROMESSA DO PERU

Desde seus primeiros livros usa uma linguagem de rigor, em grande parte arrancada da mais pura teoria do direito e filosofia política. Seus ensaios estão cheios de interrogações. Não questiona o suceder mas o sentido da história peruana. Para que se fundou a República? pergunta-se em 1947. A resposta é sumária: para cumprir a promessa que nela se simbolizou. Ou o desenvolvimento material como se pensava no século XIX, o estado eficiente, ou o país progressista, agrega. O que está dizendo Basadre? Que a República é uma ordem política, que é projeto, algo por conseguir. A pátria comum não é resultante do mandato natural nem da raça. O solo ou os mortos podem nos inspirar mas não são um projeto. Pouco antes, na convulsa Espanha, Ortega y Gasset tinha estabelecido uma similar separação substancial. A família era o grupo natural, mas o Estado e a nação, não. «Os grupos que integram um estado – afirmou o filósofo espanhol – vivem juntos por algo, são uma comunidade de propósitos, de anelos». O mesmo tinha dito o bispo inglês Hobbes, em 1651. O Leviatã, a metáfora do Estado, é a de um ente «artificial», isso é voluntário, e surge quando os indivíduos querem sair da «guerra de todos contra todos» que é o estado de natureza. Basadre vê nas internas guer-

JORGE EDUARDO EIELSON / POESIA ESCRITA

CORPO ANTERIOR

O arco-íris atravessa meu pai e minha mãe
Enquanto dormem. Não estão nus
Nem os cobre pijama nem lençol algum
São forma de mulher e homem entrelaçados
Talvez o primeiro homem e a primeira mulher
Sobre a terra. O arco-íris me surpreende
Vendo correr lagartixas pelos interstícios
De seus ossos e meus ossos vendo crescer
Um algodão azul entre suas sobranceiras
Já nem se olham nem se abraçam nem se movem
O arco-íris os leva novamente
Como leva meu pensamento
Minha juventude e meus óculos

ÚLTIMO CORPO

Quando o momento chega e chega
Cada dia o momento de sentar-se humildemente
A defecar e uma parte inútil de nós
Volta à terra
Tudo parece mais simples e mais próximo
E até a mesma luz da lua
É um anel de ouro
Que atravessa a sala de jantar e a cozinha
As estrelas se reúnem no ventre
E já não doem mas brilham simplesmente
Os intestinos voltam ao abismo azul
Onde jazem os cavalos
E o tambor de nossa infância.

CUERPO ANTERIOR

El arco iris atraviesa mi padre y mi madre
Mientras duermen. No están desnudos
Ni los cubre pijama ni sábana alguna
Son más bien una nube
En forma de mujer y hombre entrelazados
Quizás el primer hombre y la primera mujer
Sobre la tierra. El arco iris me sorprende
Viendo correr lagartijas entre los intersticios
De sus huesos y mis huesos viendo crecer
Un algodón celeste entre sus cejas
Ya ni se miran ni se abrazan ni se mueven
El arco iris se los lleva nuevamente
Como se lleva mi pensamiento
Mi juventud y mis anteojos.

ÚLTIMO CUERPO

Cuando el momento llega y llega
Cada día el momento de sentarse humildemente
A defecar y una parte inútil de nosotros
Vuelve a la tierra
Todo parece más sencillo y más cercano
Y hasta la misma luz de la luna
Es un anillo de oro
Que atraviesa el comedor y la cocina
Las estrellas se reúnen en el vientre
Y ya no duelen sino brillan simplemente
Los intestinos vuelven al abismo azul
En donde yacen los caballos
Y el tambor de nuestra infancia



Jorge Eduardo Eielson (Lima, 1924) é considerado um dos poetas e artistas mais notáveis da América Latina. Reedições, traduções e estudos de suas obras começaram a se multiplicar nos últimos anos. Estes poemas pertencem ao ciclo de *Noche oscura del cuerpo* (1955). Em Lima, a Pontifícia Universidade Católica publicou em dezembro passado: *nu/do, homenaje a j.e.eielson*. José Ignacio Padilla editor. PUC, 2002, 520pp. Ver também www.eielson.perucultural.org.pe

ras civis do século XIX e na desordem coletiva do XX, o equivalente da Espanha invertida que desencadeou a guerra civil espanhola e as guerras de religião do século XVII europeu. Sua promessa de República é algo que os peruanos podem ou não construir. É da ordem do possível, não uma fatalidade. Basadre desacreditou muito cedo de todo determinismo histórico e mesmo nos seus dias senis, divertiu-se ao nos propor diversos cenários possíveis sobre o que pôde ser uma ou outra saída para nossa Emancipação. Jogo de perspectivas, convidando à reflexão e à compreensão da imprevisibilidade e complexidade das alternativas na história, jogo que obviamente, passou despercebido. Esteve sempre muito à frente de seus colegas peruanos e inclusive do mundo ibérico, nutrido até o último alento por suas intuições e sua constante assimilação de novidades metodológicas. Ainda na sua velhice, foi o mais jovem de nossos historiadores.

AS PALAVRAS SINCERAS

Uma linguagem de rara sinceridade surpreende em sua monumental história como também em seus ensaios. Muito cedo falou do peruano *coeficiente de ilegalidade*, na célebre lição inaugural de 1929, frente ao tirano presidente Leguía, o que lhe angariou um seco cumprimento do mesmo. Poucos fustigaram com tanta clareza as classes educadas, as «elites», assinalando a preguiça que tinham de trabalhar e investir, «o capitalismo vindo

de fora». Não acreditou nem um pouco na versão idílica do passado inca, «a imagem dos Incas comunistas nos fez esquecer que eram hierárquicos, que mantiveram rigorosa diferença entre nobres e plebeus em matéria de tributos, acesso a alimentos e mulheres. O conhecimento da pátria deveria ser muito sincero e, o primordial, reconhecer tudo o que ainda se ignora». A história cultural do Peru não está escrita. Basadre tinha viajado pelo mundo, conhecia a história européia e mundial, os horrores aos que chegou o excesso nacionalista mas, o que é demasiado lá, pensou, «urge aqui». Não vou me deter no que parecem suas contradições, sendo socialista, internacionalista, nacional, tacninho, patriota. Talvez tudo isso lhe serviu para compreender a esquiva realidade do Peru.

Sendo um historiador dos séculos XIX e XX, não deixou de pensar no Peru como uma sociedade milenar. Pergunta-se em um de seus textos póstumos o que teve em comum, em 1824, um lavrador de Piura e outro de Cusco? «Muito pouco, evidentemente, mas seus antepassados viveram dentro de um mesmo âmbito político-administrativo, não unicamente desde o século XVI, mas desde muitos séculos antes dos Incas. Esse modelo impalpável influiu, de uma ou outra maneira, sobre sua infância, adolescência, juventude, velhice e a de seus familiares». Pergunta-se quantos povos africanos, europeus e asiáticos carecem dessa longa continuidade histórica. Ressalta que durante o antigo vice-reinado, já

abundavam as diferenças. Sua teoria do Peru é estranhamente simples. Nascemos primeiro como uma nova sociedade, «um Estado espanhol que chega tarde, não lhe fixa limites». O próprio nome Peru é fruto de um impulso anônimo, coletivo, poderia ter se chamado Nova Castilha mas não foi assim. A construção do Estado e da nação é outra coisa. Passa pelo que chama Basadre de «a consciência de si». Para compreendê-lo fez o que hoje chamamos história das idéias. Para que elas se arraigassem, interessou-se na qualidade de uma educação peruana acessível a todos.

UM MODELO HUMANO

É impossível se interessar pela cultura peruana, nossa sociedade, o estado, o presente ou o porvir, sem que Basadre seja tomado em conta. Sua influência, suas profecias de pregador sem vaidade, são cada vez mais apreciadas pelas gerações destes anos difíceis. O grande fervor atual pela sua obra não se explica facilmente pois viveu discretamente sem se deixar tentar pela ambição do poder pessoal e teve poucos e passageiros cargos públicos, excepcionalmente. O paradoxo desse magistério sem partidos políticos, sem bancos nem imprensa, é um país que se reconhece numa póstuma lição moralista que não obstante, já se enunciou desde 1931. O paradoxo de Basadre é sua vigência. De se ter cumprido esse Estado formalmente, as advertências já referidas teriam perdido sentido. Mas, para nosso infortúnio, não ocorre assim. Mas, se

foge ao descrédito que sofrem outros pensadores do século XX é porque não foi um mestre do erro, não criou uma ideologia, salvo a da fé no conhecimento e seu amor pelo Peru, sem cegueira. Clamou por outra elite responsável, por um cidadão peruano diferente, livre e atualizado com o acontecer mundial. No que concerne às opiniões individuais, seu discurso se conserva estranhamente jovem, nos ares do tempo. Um texto intitulado «O que é realmente importante na vida» afirma «é ser leal consigo mesmo». Nesse sentido, e as páginas do jovem Basadre são estremecedoras, diria-se que o país em nada mudou. Encontrei, diz, «um Peru frio, hostil. Sem lugar para uma juventude honesta. Instituições tradicionais, Parlamento, sufrágio, município, languideciam» (1). Que recomende antes de partir, como bandeira «a decência substancial» para deixar de ser um «sistema de misérias» é todo um programa quase futurista. Livre é cada um de imaginar esse outro «logos» democrático. ●

1. Citações de *Jorge Basadre, Memoria y destino del Perú, textos esenciales*. Antologia de Ernesto Yépez del Castillo, Congreso do Peru, Lima, 2003, 558pp., obra que recomendo especialmente.

Fondo editorial@congreso.gob.pe Ver também: Jorge Basadre. *La Iniciación de la República*. Universidade Nacional Mayor de São Marcos, 2 vol. Lima, 2002. www.unmsm.-edu.pe/fondo

O HORIZONTE INDIGENISTA

A maior retrospectiva* sobre o artista cajamarquino
Este é um resumo da perspectiva de seus curadores, os recon

Mario Urteaga (Cajamarca 1875 - 1957) mantém uma indiscutível primazia entre os pintores peruanos de tema indígena. Desde 1934, quando Lima «descobriu» tardiamente sua obra, esta não deixou de ser marco indispensável na busca de autenticidade que orientou durante décadas o rumo de nossa pintura. Seu estilo peculiar – uma insólita combinação de fórmulas herdadas do academicismo europeu com tradições pictóricas da região norte do Peru – deu-lhe imediatamente dimensão e caráter nacionais.

Diferindo do seus colegas indigenistas, formados pela Escola Nacional de Belas Artes e ativos em Lima, Urteaga era um autodidata provinciano que tinha desenvolvido a parte principal de seu trabalho pictórico em Cajamarca. Esta circunstância contribuiu para forjar a imagem tópica do artista como produto espontâneo do seu meio e a projetar uma percepção ambivalente de sua obra, às vezes classificada como naïf e outras como manifestação independente do indigenismo. Misturando naturalidade e classicismo, o que era fascinante para o especta-

dor de seu tempo, as cenas camponesas cuidadosamente compostas pelo artista interiorano, pareciam finalmente as aspirações nacionalistas de toda uma geração: Urteaga conseguira mostrar «os índios mais índios jamais pintados», segundo a frase conclusiva de Teodoro Nuñez Ureta. Mas, a realidade de sua obra e de sua vida nos parece muito mais complexa e contraditória.

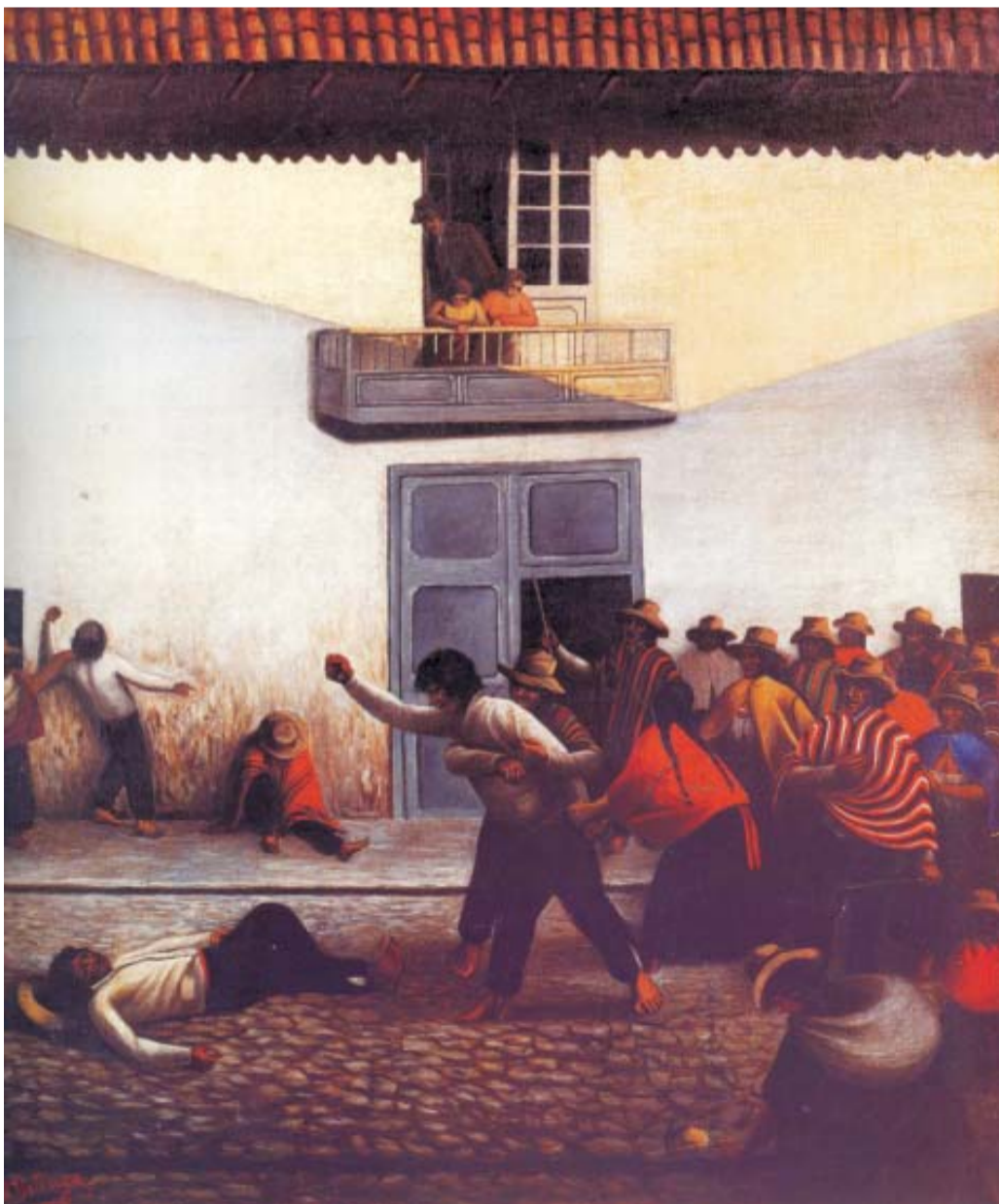
O COMEÇO

No final do século XIX, longe dos centros artísticos tradicionais, Urteaga começará em Cajamarca um esforçado processo de aprendizagem ao se desempenhar como desenhista de retratos destinados a uma clientela local. Baseando-se em modelos fotográficos, ensaia representações convencionais dos notáveis do lugar, com inusitada destreza para um principiante. Uma primeira viagem a Lima, em 1903, viria a confirmar sua vocação artística. Enquanto desempenha funções pedagógicas no Callao, Urteaga se inicia simultaneamente em fotografia e pintura, graças à amizade do fotógrafo e editor português Manuel Moral. Esta mesma relação o

contactará com a ilustração jornalística limenha, que experimentava uma época de auge e dessa maneira terá acesso a grande diversidade de reproduções artísticas. Exercita-se então copiando quadros de temas religiosos e cenas do gênero. Provavelmente sua primeira composição original tenha sido *El rescate de Atahualpa*.

Ao retornar a Cajamarca por volta de 1911, Urteaga abriu um estúdio fotográfico e durante anos alternou esse ofício com a pintura, a docência escolar, a agricultura e o jornalismo. O trabalho de redator do jornal local *El Ferrocarril*, permitiu-lhe que se involucrasse em temas políticos com idéias de forte sentido social, tentando uma candidatura parlamentar que se frustrou em 1916 e o marcou profundamente, reforçando sua crescente dedicação à pintura. Ainda assim sua pintura permaneceria durante vários anos restringida quase exclusivamente aos quadros religiosos feitos sob encomenda para cajamarquinos devotos.

1



2



3



STA DE MARIO URTEAGA

quino permite novas aproximações à sua obra.
necidos críticos Gustavo Buntinx e Luis Eduardo Wuffarden.

EMERGÊNCIA INDÍGENA E PRECARIEDADE MESTIÇA

Durante uma breve mas decisiva viagem à capital, em 1918, o pintor pode conhecer o ambiente cultural nacionalista que precedeu à fundação da Escola Nacional de Belas Artes, embora tenha voltado poucos meses depois a Cajamarca para continuar sua carreira de modo independente. Pelos anos de 1920 Urteaga pinta seus primeiros quadros inspirados na vida indígena de Cajamarca. Três anos depois pintará *A briga*, precoce obra maestra que combina a observação minuciosa da realidade com certo ar de composição clássica, herdado do academicismo.

No começo da década de 1930, a palheta de Urteaga tende a abandonar as tonalidades escuras por uma luminosidade que se manifesta em céus diáfanos e numa definição das figuras, acorde com o planejamento classicista de suas composições. Esta evolução pode ser apreciada na exposição de 1934. Uma sucessão de exitosas exposições individuais em Lima, até 1938, e o prêmio obtido

no salão de Viña del Mar em 1937, outorgaram à sua pintura um reconhecimento consagratório.

ANOS CRÍTICOS, CONSAGRAÇÃO E SILENCIAMENTO

Nos anos quarenta o pintor deixou de expor em Lima e o ritmo de sua produção diminuiu consideravelmente. Isso aconteceu devido ao ocaso do indigenismo oficial, mas também a uma crise pessoal, agravada, na metade da década, quando teve cataratas, afetando gravemente sua visão e obrigando-o a ser submetido a uma intervenção cirúrgica. O nome de Urteaga voltava a adquirir dimensão internacional em 1942, quando o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque agregou a seu acervo, a obra *O enterro do veterano*, que o tinha consagrado (equivocadamente) como pintor naif.

Depois de ser operado, Urteaga volta a Cajamarca e retorna à pintura, alentado pela constante demanda dos colecionistas limenhos e pela crescente clientela. Por esse motivo teve que voltar aos motivos mais difundidos de seu perío-

do «clássico», mesmo que com marcado acento pitoresco e idealizando os tipos indígenas. Essas diferenças de estilo eram perceptíveis na exposição - homenagem que o Instituto de Arte Contemporânea de Lima ofereceu ao pintor cajamarquino em 1955, dois anos antes de sua morte. Uma rara unanimidade revelam os comentários então expressados, com os representantes das mais antagônicas tendências, vertendo sobre Urteaga elogios que tratavam de assimilá-lo à suas respectivas posturas. Porém, a consagração assim obtida é também o silenciar da complexidade e das contradições que sorrateiramente percorrem e dinamizam essa pintura. Valores que a recente exposição e as publicações que o acompanham tentam tornar visíveis outra vez. ●

* A retrospectiva foi organizada pelo Museu de Arte e a Fundação Telefônica e permitiu apreciar em Lima, nos passados meses de junho e julho, duas exposições complementárias: *Mario Urteaga, Novas Miradas* e *Urteaga, Cajamarca e seu tempo*. Informação sobre o catálogo *Mário Urteaga, Nuevas Miradas*, Fundação Telefônica e Museu de Arte, Lima, 2003, 337pp. em www.perucultural.org.pe



1. *A briga*. 1923. Óleo sobre tela: 94 x 80,5 cms. Coleção particular, Lima.
2. *Os fabricantes de telhas*. 1944. Óleo sobre tela, aderida a madeira: 59,5 x 78,5 cms. Coleção particular, Lima.
3. *A leiteira*. 1940. Óleo sobre tela: 52 x 69 cms. Coleção particular, Lima.
4. *O primeiro corte de cabelo*. 1953. Óleo sobre tela: 57,5 x 54 cms. Coleção Doris Gibson, Lima.
5. *Lar*. 1935. Óleo sobre tela: 47,5 x 27 cms. Coleção particular, Lima.



A BATATA, TESOURO DOS ANDES

Em notável livro consagrado à batata* o investigador peruano Carlos Ochoa dá seu testemunho, aqui condensado, sobre seu trabalho de taxonomista, que lhe deu celebridade mundial. Também o destacado gastrônomo e jornalista Raúl Vargas Vega nos provoca com algumas delícias preparadas com variedades do tubérculo.

Um dom universal

Carlos Ochoa

Dediquei grande parte de minha vida ao estudo, exploração e melhoramento genético da batata. Tinha vários motivos para isso. O primeiro era o sentimento de orgulho que tive ao constatar a grande importância que esse cultivo, oriundo dos Andes, adquiriu na história da humanidade. Este orgulho sempre esteve acompanhado da convicção de que a contribuição da batata poderia ser muito maior, merecendo maiores esforços.

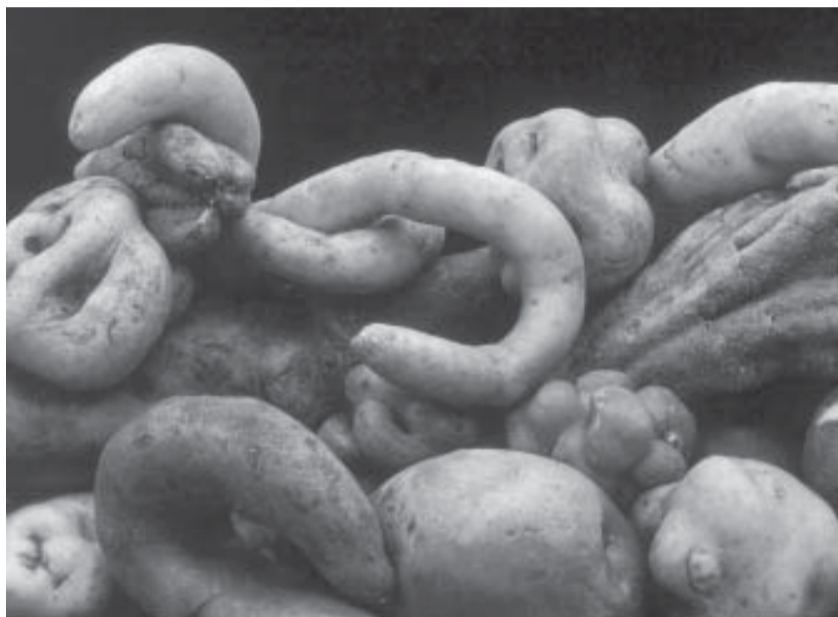
Há tão somente 500 anos, nada faria supor que esse tubérculo que servia de principal sustento aos povos dos Andes, se tornaria um dos principais alimentos do planeta. Hoje em dia, o cultivo da batata está em quarto lugar de importância mundial depois do trigo, do milho e do arroz. Além do consumo direto, tem múltiplas aplicações na indústria: é usada na fabricação de amido, papel, adesivos têxteis, para processar alimentos de baixo teor de gordura, na panificação e pastelaria, sorveteria, cosmetologia, farmácia e purificação de água.

AS ROTAS DA BATATA

De longa data, esse tubérculo tem sido de vital importância como fonte de energia para numerosas sociedades. Do mesmo modo, sua falta ocasionou grandes desastres socio-econômicos em determinados momentos da história, como ocorreu na Irlanda entre 1845 e 1848.

Não se conhece com precisão quando a batata foi levada a Europa, mas se presume que pode ter sido na metade do século XVI. Não se sabe o lugar de onde procedia nem o nome de quem a transportou. Mas a evidência dos fatos permite assinalar que a primeira via de ingresso foi através da Espanha.

Outras evidências indicam que a batata foi introduzida na França aproximadamente em 1600, graças a Bahuin. Logo, em 1613, os ingleses a levaram às ilhas Bermudas. Dali foi trasladada a Virgínia (Estados Unidos) em 1621. A meados do século XVIII passaria da Escócia a Noruega, Suécia e Dinamar-



ca e por último, ao terminar o século passado e começar o atual, expandiu-se por quase todo o leste europeu.

SURPREENDENTE DIVERSIDADE

Nos Andes existe uma grande variedade de espécies de batata. Considera-se que entre as cultivadas, a *Solanum stenotomum* é a mais antiga, sendo assim a mãe de todas. No entanto, a *Solanum tuberosum* é a que mais se disseminou pelo mundo.

A maior diversidade genética da batata se observa entre a Cordilheira Branca dos Andes centrais do Peru e as

imediações do lago Titicaca, ao noroeste da Bolívia, ou melhor entre os 9 e 17 graus de latitude sul. Essa é a única zona andina onde se aprecia a totalidade de espécies cultivadas. A mais provável é que nesse lugar específico tenha se originado e cultivado a batata 7.000 anos A.C.. São nove as espécies de batata cultivadas e reconhecidas e todas se encontram principalmente nas serras altas e nos planaltos andinos, entre os 3.000 e 4.000 metros de altitude. Não é raro encontrar quatro ou cinco espécies delas crescendo juntas em pequenos campos, semeadas por camponeses in-

dígenas.

Não obstante, a diversidade biológica não se limita às espécies cultivadas. Existe um complexo grupo de espécies silvestres não comestíveis (perto de 200). Estas se encontram em estado natural desde o sul dos Estados Unidos até as regiões austrais do Chile. A ampla gama de diversidade genética oferece a possibilidade de se descobrir, fontes de resistência a numerosos fatores climáticos ou patógenos que atacam os cultivos. Estes genes podem ser aproveitados para a criação de novas variedades.

As batatas silvestres crescem em solos e climas diferentes, tanto nos lugares secos e desérticos da costa peruana, quase ao nível do mar, como nos vales inter-andinos que vão de 2.500 a 3.400 metros de altitude. As zonas do sul do Peru, como o Vale Sagrado do Cusco e muitas outras, são particularmente ricas em espécies silvestres. Nos frios páramos andinos, são muito poucas. Ao contrário de regiões úmidas e quentes do trópico, com abundante vegetação e uma temperatura entre 20 e 25 graus, encontram-se algumas batatas silvestres que podem chegar a ser muito valiosas para a ciência, como a *Solanum urubambae* que cresce nas regiões tropicais do vale do Urubamba, também no Cusco, ou a *Solanum yungasense* que cresce nas cercanias de San Juan del Oro, vale de Tambopata, em Puno.

AO SERVIÇO DOS MAIS POBRES

Um de meus primeiros empregos, ao iniciar minha profissão de engenheiro agrônomo, foi na Estação Genética de Cereais, uma estação de investigação governamental em Concepción, no vale do Mantaro, Peru, dedicada à genética e à pesquisa de diversas variedades de trigo. Foi então que comecei a palpar a realidade e pensei: queremos introduzir um cultivo forâneo quando aqui mesmo temos um que cresceu e foi domesticado no Peru faz 8.000 ou 10.000 anos.

As batatas que a gente consegue através do melhoramento genético são como filhos: damos-lhes nomes e eles nos recompensam com muita satisfação. A uma de minhas filhas, Tomasa Condemayta, dei o mesmo nome de quem foi o lugar-tenente de

O CENTRO INTERNACIONAL DA BATATA

Este centro de investigação científica sem fins lucrativos foi fundado em Lima, em 1971, para se dedicar à plena realização do potencial da batata, outras raízes e tubérculos. Tem como objetivo reduzir a pobreza, aumentar a sustentabilidade ambiental e ajudar a garantir a segurança alimentar das zonas mais pobres. O CIP possui o maior banco genético do mundo, com mais de 5.000 diferentes tipos de batata cultivadas e silvestres, além de coleções de batata doce e outros cultivos da região andina nos que deposita uma especial dedicação. Criou redes de investigação, formuladores de políticas e produtores, e tem equipes inter-disciplinárias para realizar projetos de pesquisa em mais de 30 países. O CIP é um dos 16 centros Future Harvest (Colheita do Futuro) que recebem fundos do Grupo de Consulta para Investigação Agrícola Internacional, confederação mundial de governos, fundações privadas e organizações regionais e internacionais. Ver também www.cipotato.org

Tupac Amaru, durante as primeiras lutas para a independência e que comandou uma parte do seu exército. Seu trágico fim – queimaram-na viva – ocorreu em sua própria fazenda, que pertenceu até pouco tempo à minha família: é o lugar onde fiz a pesquisa de diferentes variedades. E em sua honra e também de uma ama que tive quando criança e a quem muito bem queria – e que também se chamava Tomasa – é que lhe pus esse nome.

Mas meu primeiro filho se chamou «Renascimento». É que, para mim, o início do melhoramento moderno da batata significou um verdadeiro renascimento científico e tecnológico. Tanto a Renascimento como a Tomasa ainda são cultivadas em muitos lugares do Peru. Mas, além do valor individual

que tem, encarnam para mim a convicção que motivou todo o trabalho que realizei sobre esse cultivo: a batata é uma das mais importantes armas que a humanidade possui para lutar contra a fome. Meu trabalho não é mais do que o desejo de reinvidicar esse enorme potencial para bem do meu povo e do mundo inteiro. ●

La papa: Tesoro de los Andes. De la Agricultura a la cultura. Vários autores. Centro Internacional da Batata. Lima. 2000. 210pp.

RECEITAS

OLHUQUITO COM CHARQUE*

Para 8 porções:

- 3 kg. de olhuco
- 200 grs. de charque
- 1 pitada de achiote
- 4 dentes de alho
- 100 grs. de aji panca moído
- 1 pitada de pimenta
- 1 pitada de cominho
- meia concha de caldo
- salsinha
- óleo

Lavar bem os olhucos e picá-los em tiras finas. Refogar numa panela o alho com óleo, o achiote, o charque desfiado (melhor o de alpaca, mas pode também ser substituído por carne picada), a pimenta, o cominho e o aji panca; misturar bem e deixar cozinhar. Agregar o olhuco, com o caldo e tampar bem a panela. Cozinhar a fogo lento deixando que se misturem bem os ingredientes. Servir com salsinha picada por cima.

CACHUN CHUNHO

Para 6 pessoas:

Depois de estar de molho a noite inteira, colocar para ferver numa panela com água por 15 minutos, 300 grs. de chunho branco ou preto sem partir. Depois de bem escorridos, se adiciona 200 grs. de queijo fresco ou de queijo bem cremoso. Levar ao forno com meia xícara de leite durante 10 minutos a 250°C. Servir quando o prato estiver assado.

CARAPULCRA**

Ingredientes (para 6 pessoas)

- 1 kg. de carne de porco sem gordura
- 1/2 kg. de batata seca
- 3 colheres de óleo ou banha
- 2 cebolas roxas picadas

- 1 colher de alho amassado
- 1 pitadinha de cominho
- 3 colheres de pasta de aji panca
- 2 galhinhos de coentro fresco
- 2 rosquinhas de manteiga moídas
- 2 cravos
- 1 cálice de pisco
- 1 quadradinho de chocolate amargo ralado
- 1/4 de xícara de amendoim torrado e picado
- sal e pimenta

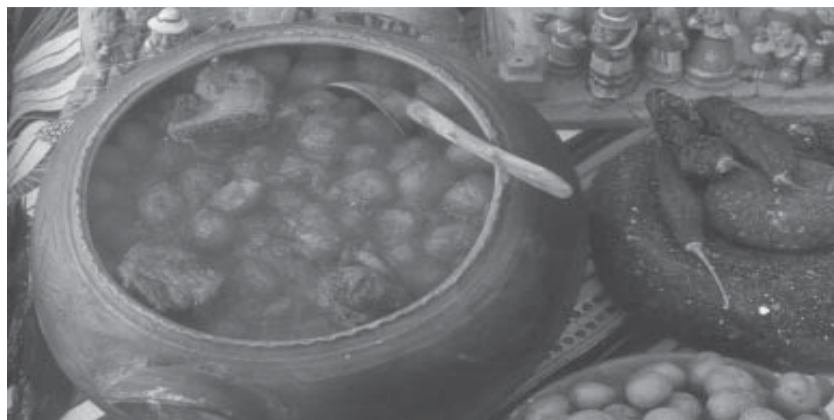
Torrar os pedaços de batata seca numa frigideira com fogo alto por aproximadamente 5 minutos, agitando a frigideira para que não se queimem, sem deixar dourar demais. Colocar numa vasilha e cobrir com água quente, no dobro do volume da batata. Deixar de molho durante 30 minutos.

Cortar a carne em pequenos pedaços. Dourá-la em óleo bem quente, numa panela grande, a fogo médio. Retirar a carne para outra vasilha, refogar bem na gordura que ficou na panela, as cebolas, alhos, cominho e a pasta de aji. Temperar com sal e pimenta. Juntar a carne e a batata seca com toda a água, mexer bem para que não se queime.

Quando estiver cozida, agregar o pisco, o cravo, o coentro picado, o chocolate ralado, as rosquinhas moídas e o amendoim picado. Cozinhar por mais 15 minutos. Deixar repousar 1/2 hora antes de servir. Reaquecer e servir acompanhada de arroz branco.

* Em *La Gran Cocina Peruana*, Jorge Stambury, Lima, 1994.

** Em *El Arte de la Cocina Peruana*, Tony Custer, Lima, 2003. facuster@cpg-peru.com.pe



SUA MAJESTADE A RAINHA DA BOA MESA PERUANA

Raúl Vargas Vega

Nenhum prato da cozinha peruana pode negar ter sempre algo a ver direta ou indiretamente com a batata. Isso porque o habitante dos Andes aprendeu a transformá-la, usando suas inúmeras variedades e garantindo sua conservação mesmo nas mais extremas condições. Convenhamos que esse tubérculo dura mais que outros legumes e verduras, podendo ser usada fresca, cozida, frita, ou em purê, quente ou fria, como um prato completo (preparado com manteiga, queijo, creme de leite ou com o fiel aji). Como insuperável guarnição realça o sabor de carnes, peixes, fiambres, mariscos ou tudo o que Deus dá para acompanhar essa nobre senhora dos Andes.

A batata amarela pode ser considerada a mais apreciada e valorizada nas mesas peruanas. Pela sua cor, fina textura e sabor peculiar, ela se converteu na grande estrela dos pratos clássicos. Pense, leitor, se puder numa deliciosa «causa», que alguns dizem ter origem na época da Independência, mas que é sem dúvida o símbolo da mestiçagem e da pompa de nossa culinária. É preciso cozinhar a batata amarela com cuidado especial, inteira e com sal para evitar que se parta a fina casca, então se prepara um purê firme e seco, regado a óleo, um pouco de maionese, suco de limão e aji amarelo (mirasol) moído. Colocar essa deliciosa massa em capas, recheadas com o que melhor lhe aconselhe a imaginação e a abundância. Antigamente a causa era preparada com um recheio de atum enlatado, triturado e misturado com cebola roxa finamente picada, depois o barroquismo e a presunção experimentaram recheiar a versátil batata amarela com pasta de siri, camarões, abacate, sempre com algo de maionese. Pode ser enformada ou preparada como rocambole, coroada de azeitonas pretas, rodela de ovos cozidos e por último um belo molho de camarões feito sabiamente com todo o coral.

A batata branca é a base essencial dos «chupes», dos guisados ou ensopados de carne que ficariam pobres e mesmo tristes se não tivessem uma boa e feculenta batata. Mas é preciso mencionar com orgulho a batata recheada, feita por mãos cuida-

dosas das donas de casa e que brilham nos almoços e jantares caseiros ao menos uma vez por semana.

Que sacrossanta aliança subversiva se estabelece entre a batata frita, cortada em longas e finas tiras e os pedaços de filé aos que se deve agregar a alegria do tomate picado, a cebola roxa esplendidamente cortada, um pouco de alho, aji mirasol em quase imperceptíveis filamentos (ocasionalmente vinho tinto, substância de carne)? Louvemos o filé «saltado» que dizem ter origem chinesa porque tudo é cortado em pequenos pedaços, tornando a faca desnecessária à mesa, mas é de óbvia estirpe mestiça e de paternidade reclamada por tantos cozinheiros locais como os que andam espalhados pelo mundo.

Todos os povos e regiões do Peru tem suas próprias espécies de batatas e pratos típicos. Mas algumas técnicas de elaboração são compartilhadas por todos eles: o chunho, a batata seca ou carapulcra e o tockosh. O primeiro se faz com as batatas amargas das alturas andinas, selecionadas e expostas à intempérie, de noite ao frio dos páramos e de dia ao forte sol, técnica ancestral que permitiu armazenar a batata durante anos nas chamadas «colcas», depósitos que abundavam pelo vasto território inca. A carapulcra é outra forma de conservação, pela cristalização da batata cortada em cubos, previamente cozida com casca e levada a secar à intempérie, (já produzida industrialmente). O tockosh é uma forma de putrefação da batata envasada com palha e colocada em sacos dentro de canais de água corrente. Depois de alguns meses de fermentação, se retira da água e é consumida de várias maneiras (sopas e cremes) tem poder curativo e um forte sabor que um certo gourmet denominou de «o roquefort» dos Andes.

Antes de nos retirarmos, não podemos deixar de mencionar dois molhos, entre muitos outros, que abrigam como um sagrado manto a batata: o copa e huancaína. A primeira, arequipenha por antonomásia, por ser apimentada e de camarões; a segunda, do centro do país como seu nome indica, realçada com queijo fresco e aji amarelo e acolhida em Lima para sempre. Chupem os dedos e agradeçam ao Altíssimo a existência da batata soberana e dadivosa. ●

DO LAR AO ESPAÇO PÚBLICO

Uma valiosa história gráfica da mulher peruana (1860-1930)

Eric Hobsbawm afirma que o século XX foi um dos mais curtos da história porque começou tarde (logo após a Primeira Guerra Mundial) e terminou cedo (em 1989 logo após a queda do muro de Berlim). É preciso agregar que o século XX também foi um dos mais intensos e densos da história. De fato, múltiplas personagens e coletividades, contraditórios acontecimentos, processos e estruturas povoaram-no. Uma das revoluções silenciosas mais importantes do século XX foi a mudança da situação da mulher, tanto no mundo como no Peru. Essas mudanças não foram iguais no país: lentos no íntimo âmbito do lar, mais dinâmicas na esfera econômica e social e decididamente rápidas no espaço público. Várias pesquisas revelam que a maioria dos peruanos acreditam serem as mulheres tão capazes como os homens no desempenho de funções públicas. É fundamental acreditar nisso porque se todos ou quase todos acreditam na igualdade de gênero para exercer cargos públicos, procurarão formas e mecanismos adequados que permitam concretizá-la.



Sem dúvida essas mudanças são muito significativas em comparação com a situação da mulher no século XIX, quando poucas personalidades femininas, como Flora Tristán, Juana Gorriti, Teresa Gonzáles de Fanning, Mercedes Cabello de Carbonera, Antonia Moreno Leyva, Clorinda Matto de Turner, Maria Jesus Alvarado e algumas outras, deixaram uma profunda marca na história. Porém no século XX já não se apresentam mulheres destacadas

individualmente, mas movimentos e grupos cujas reflexões, propostas e ações vem causando impacto na vida social, econômica, política e cultural do Peru.

Todas essas conquistas tem a ver, em grande medida, com as modificações da estrutura social e os avanços no processo de modernização do país, mas o fator que mais concorreu para que todas essas mudanças ocorressem é o processo educativo: no nível

universitário as mulheres conseguiram anular a distância que as separava dos homens, mas dita distância ainda se mantém nos outros níveis de educação, em outras dimensões da vida social e mais ainda no nível de atividade econômica, quanto a salário e emprego.

A história gráfica que apresentamos, cujos originais se encontram em todo o respectivo material da Biblioteca Nacional do Peru, mostra uma galeria das mulheres que se desenvolveram no limitado espaço público do século XIX e de algumas outras representativas no período de transição ao século XX. (Sinesio López) ●

Del olvido a la memoria: Mujeres peruanas 1860-1930. Editora: Nancy Elmore; apresentação de Sinesio López e Ana María Yáñez, estudo introdutório de María Emma Mannarelli. Movimento Manuela Ramos e Biblioteca nacional do Peru, Lima, 2003. Ver também www.bina-pe.gob.pe e www.manuela.org.pe

VII Encontro de Cinema

UM ESPAÇO PARA A SÉTIMA ARTE

Marquemos com um bom alfinete no mapa cinematográfico da região o Encontro Latino-americano de Cinema de Lima, organizado pela Pontífice Universidade Católica*, que nos dez primeiros dias de agosto cumpriu sua sonora sétima edição, com o argentino Carlos Sorín arvorando o troféu da crítica por «Histórias Mínimas» e a brasileira Katia Lund, coprodutora de «Cidade de Deus», recebendo o prêmio do público.

Confirmou-se de passagem, como em La Habana, Cartagena ou Huelva, que são os melhores concursos do cinema latino, que o sopro minimalista que é moda na Argentina e o esforço brasileiro de produzir violentas narrativas sem economizar efeitos hollywoodienses, ocupam a agenda do debate cinéfilo em 2003.

Geralmente, nesse empate de filmes oficialmente promovidos (o argentino com fundos es-

pecíficos e o brasileiro com generosas exonerações tributárias às empresas auspiciadoras) costuma aparecer alguma surpresa mexicana.

É por isso, mais estranho ainda e mais celebrado, que um filme chileno, cubano, equatoriano ou uruguaio, como aconteceu nos encontros anteriores, consiga ganhar um prêmio ou menção honrosa. O cinema peruano foi premiado poucas vezes mas, em geral, não existe filme nacional cuja rodagem, posterior produção ou estréia não guarde alguma relação com o evento de agosto.

Após sete edições, *elcine* (seu nome alternativo) definiu seu curioso perfil: em primeiro lugar é um Festival – certo pudor acadêmico obriga a PUC a chamá-lo Encontro – que não conta com apoio orçamentário do Estado nem da cidade de referência. O gabinete da

UNESCO no Peru reconhecendo o singular esforço, outorgou a Medalha Fellini em 2003 ao próprio festival, normalmente reservada a filmes.

Em segundo lugar, vindo de uma universidade, é um evento cuja preocupação é convocar o debate entre a crítica, os profissionais da comunicação e os cineastas convidados. Para citar um exemplo: os «conservatórios» e seminários temáticos são preferidos às conferencias de imprensa. Não obstante, contrariando a esse zelo universitário, a equipe do diretor e teatrólogo Edgar Saba, só recebeu nas primeiras edições o prêmio do público. Logo depois, sob pressão da imprensa foram incorporados profissionais no júri. Atualmente o público e os críticos são os que decidem a quem dar os prêmios econômicos.

As cifras oficiais - 32,000 assistentes, 60 filmes e 60 convi-

dados estrangeiros - não revelam o impacto cultural e comercial de um festival como o cinema. A bilheteria não é maior que a de uma estréia comercial convencional, mas, se tomarmos em conta o aumento de estréias latinas desde o ano 2000, sobre as produções norte-americanas muito exibidas no Peru (entre 1992 e 1997 houve somente 8 estréias latinas, de 1998 a 2002 com o festival houve 38 lançamentos, sem contar os filmes peruanos, como afirma a diretora executiva Alicia Morales). Se analisamos a popularidade obtida no mercado local, figuras como Federico Luppi, Arturo Ripstein ou Adolfo Austarain, é possível entendermos o entusiasmo de *elcine*.

(Fernando Vivas) ●

Ver também www.cultural.pucp.edu.pe e elcine@pucp.edu.pe

SONS DO PERU

ABELARDO VÁSQUEZ - O GRANDE ABELARDO VÁSQUEZ (POTROLILA PRODUÇÕES, LIMA, 2003)

Abelardo Vásquez foi uma autêntica lenda da música popular da costa peruana: um dos grandes mestres da marinheira limenha, profeta do canto alegre e do festejo. Vásquez foi digno herdeiro de uma linguagem mu-



G. Perez/Careias

sical que se remonta às próprias origens da simbiose rítmica entre a África e o Peru. Seu pai, Porfirio Vásquez, é considerado por muita gente como o criador do festejo, um dos estilos de canto e baile populares mais difundidos entre a população afro-peruana. Ao ouvir esse disco, que reúne a «grandeza» aludida no subtítulo, não é hiperbólica: a contribuição de Vásquez à música popular afro-peruana é, simplesmente, incalculável.

IQARO - CANTO SHAMÂNICO (INDEPENDENTE, LIMA, 2003)
NAMPAG - CANÇÕES AGUARUNAS (INDEPENDENTE, LIMA, 2003)

Tito La Rosa, um músico de ampla trajetória que se destacou pelo esforço de resgatar e revalorizar os instrumentos e sons nativos do Peru, explora aqui os cantos rituais conhecidos como «ícaros», espécies de mantras que os curandeiros entoam quando, em transe, dirigem as sessões nas que se consome uma planta

alucinógena da selva peruana chamada «ayahuasca». Para isso, La Rosa armou um singular conjunto de músicos procedentes de diferentes tradições, como o rock e o jazz e que inclui também um mestre nativo. O disco do grupo aguaruna e huambisa *Nampag*, originário de Santa Maria de Neiva, tem o espírito das denominadas «field recordings» («gravações do campo»): música primitiva em estado puro, registrada tal qual continua se executando nas profundezas da Amazônia peruana.

JOSÉ SOSAYA WEKSELMAN - EXPOSIÇÃO (INDEPENDENTE, LIMA, 2003)

Sosaya, mestre do Conservatório nacional, proveniente do fértil canteiro da música clássica e que incursiona com esse trabalho num território pouco visitado pelos músicos peruanos: a música concreta e a eletro-acústica, também rotulada pomposamente de «música eletrônica culta». Com esse disco, Sosaya demonstra que figu-

ras como Karl Heinz Stochausen e Jonh Cage também tem seguidores no Peru.

DINA PÁUCAR - ÊXITOS DE OURO (PRODUÇÕES DANNY, LIMA, 2003)

De tempos em tempos, migrantes e habitantes do interior do Peru elegem uma nova super estrela e a consagram no seu firmamento musical. Anteriormente foi Rossy War, muitos anos atrás Lorenzo «Chacalón» Palácios: figuras que, de algum modo, serviam para concentrar e projetar os anelos, frustrações e melancolias dos migrantes, que configuram atualmente a primeira força econômica e social do país. De maneira diferente dos artistas que mesclavam os sons dos Andes ou da selva com elementos intrinsecamente urbanos (rock, cumbia, salsa), Dina Páucar, conhecida por seus milhares de fãs como «a Formosa Deusa do Amor», apela a uma forma muito mais tradicional, o huayno, para criar suas canções carregadas de nostalgia e de embriaguez. (Raúl Cachay) ●

AGENDA

COMISSÃO DE CONSULTA DE CULTURA

No dia 19 de agosto passado foi instalada a Comissão de Consulta de Cultura do Ministério de Relações Exteriores, responsável de avaliar os Planos Anuais de Política Cultural Exterior e assessorar a Chancelaria nos temas que lhe competem. Esta Comissão ad-honorem é presidida por Fernando de Szyslo, tem como vice-presidente a Fernando Cabieses e está integrada por Walter Alva, Susana Baca, Ricardo Bedoya, Antonio Cisneros, José A. de la Puente, Elvira de la Puente, Francesca Denegri, Max Hernández, Hugo Neira, Luis Peirano, Bernardo Roca Rey, Alonso Ruiz Rosas, Mario Vargas Llosa, Raúl Vargas e Jorge

Villacorta. Também a integram o Diretor Nacional do Instituto Nacional de Cultura, Luis Guillermo Lumbreras; o Presidente do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, Benjamín Marticorena e José Antonio Olaechea, pelos organizadores do Patronato Empresarial de Promoção da Cultura do Peru no Exterior.

CONVÊNIO RREE - CONCYTEC

No dia 9 de setembro passado, o Ministério de Relações Exteriores e o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia assinaram um importante convênio de cooperação graças ao qual, a Chancelaria, com a Agência Peruana de Cooperação

Internacional, identificará as fontes internacionais que possam contribuir ao desenvolvimento dos conhecimentos e implementação das respectivas políticas e planos nacionais, além de projetar as principais expressões nacionais nesse campo no marco do Plano de Política Cultural do Peru no Exterior. O CONCYTEC, de sua parte, manterá informado o Ministério de Relações Exteriores da política nacional de promoção da ciência e da tecnologia, e sobre os organismos públicos e universidades que desenvolvam programas de investigação nessas áreas, incluindo as facilidades que possam oferecer para estimular o intercâmbio científico e o eventual retorno de talentos.



50 AÑOS PRODUCIENDO COBRE PARA EL MUNDO Y PRESERVANDO EL LEGADO HISTÓRICO DEL PERÚ AL AUSPICIAR EL MUSEO CONTISUYO-MOQUEGUA.

PETRÓLEOS DEL PERÚ



AL SERVICIO DE LA CULTURA

CHASQUI

El correo del Perú
Boletín cultural

MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES

Subsecretaría de Política Cultural Exterior
Jr. Ucayali 363 - Lima, Perú.
Teléfono: (511) 311-2400 Fax: (511) 311-2406
E-mail: postmaster@rree.gob.pe
Web: www.rree.gob.pe

Los artículos son responsabilidad de sus autores. Este boletín es distribuido gratuitamente por las Misiones del Perú en el exterior.

Traducción:
Angela Peltier

DIRECTORIO EMPRESARIAL

PROMPERU
Comisión de Promoción del Perú
Calle Oeste No. 50 - Lima 27
Teléfono: (511) 2243279
Fax: (511) 224-7134
E-mail: postmaster@promperu.gob.pe Web: www.peru.org.pe

PROINVERSIÓN
Agencia de Promoción de la Inversión
Paseo de la República No. 3361
piso 9 - Lima 27
Teléfono: (511) 612-1200
Fax: (511) 221-2941
Web: www.proinversion.gob.pe

ADEX
Asociación de Exportadores
Av. Javier Prado Este No. 2875 - Lima 27.
Teléfono: (511) 346-2530
Fax: (511) 346-1879
E-mail: postmaster@adexperu.org.pe
Web: www.adexperu.org.pe

CANATUR
Cámara Nacional de Industria y Turismo
Jr. Alcanfores No. 1245 - Lima, 18
Teléfono: (511) 445-251
Fax: (511) 445-1052
E-mail: canatur@ccion.com.pe

TUMBAS REAIS DE SIPÁN

UM MUSEU PARA O MUNDO

Walter Alva

O Museu Tumbas Reais de Sipán abre suas portas ao mundo para difundir a magia e o esplendor da cultura Mochica. Suas características arquitetônicas e qualidade museográfica mereceram importantes elogios e o reconhecimento de ter se convertido em um dos museus mais importantes da América.

No ano de 1987 com uma pequena equipe de arqueólogos peruanos, depois de uma dramática intervenção, logramos salvar do saque e da destruição a primeira tumba intacta de um Governador do antigo Peru. O descobrimento da chamada «Tumba do Senhor de Sipán» despertou imediatamente o interesse da imprensa mundial que seguiu de perto, durante um ano, as investigações arqueológicas tidas como um dos grandes sucessos do século XX, comparando-a com a Tumba de Tutankamon, a Tumba do Rei Maya de Pacal, e o descobrimento de Machu Pichu.

A responsabilidade imediata de nossa equipe foi a conservação e restauração dos objetos em risco de destruição, assumidas graças à colaboração do governo alemão que permitiu contar com o primeiro laboratório de conservação de metais da América do Sul. A importância do descobrimento e a expectativa que despertou no Peru e na comunidade internacional nos obrigavam a projetar um museu próprio, a médio prazo. Nossa pequena equipe concentrou seus esforços, então, em desenvolver uma cuidadosa estratégia que, vencendo inumeráveis obstáculos e dificuldades, conseguiu captar recursos de exposições internacionais, apoio do Fundo Contravalor Peru - Suíça e finalmente do governo peruano para terminar o atual Museu Tumbas Reais, inaugurado no dia 8 de novembro do ano passado em Lambayeque. Nessa verdadeira cruzada, contamos com o generoso apoio de Celso Prado para o projeto arquitetônico do edifício.

Sipán permitiu atrair a atenção do mundo para o mistério das antigas culturas do Peru. Os Mochicas passaram assim a ocupar um dos tronos das culturas clássicas da América, junto aos Mayas, Aztecas e Incas. Do mesmo modo, a investigação arqueológica peruana se reativou com novas investigações a tal ponto que hoje já se fala de uma «mochicologia».

O MUSEU

O visitante do «Museu Tumbas Reais de Sipán» encontrará a forte presença de um edifício inspirado nos antigos santuários piramidais mochicas.



Museu de Sipán



Homem-caranguejo, cobre dourado.

Subindo por uma longa rampa que obriga a um trânsito cerimonial, ingressará ao mundo dos mochicas, precedido por uma impactante projeção animada que reproduz o desfile do «senhor de Sipán» e seu séquito há 1.700 anos. No terceiro andar, poderá conhecer os aspectos mais importantes dessa cultura, seu território, evolução, organização social, agricultura e seus produtos, a metalurgia, seus mais importantes monumentos assim como a apresentação do Santuário de Sipán. Um segundo tema é o mundo espiritual dos mochicas, seus deuses e conceitos de vida, da concepção à morte, além de sua cosmovisão.

Descendo ao segundo andar, depois de uma introdução didática sobre as escavações, se apresenta passo a passo o descobrimento da tumba do «Senhor de Sipán», desde os depósitos de oferendas e o encontro do guardião da tumba, até a devedação da câmara funerária com seu extraordinário conteúdo. As jóias reais e as insígnias de mando são expostas em espaços especiais com iluminação específica que causam a sensação de que os ornamentos flutuassem no espaço, numa dramática atmosfera de penumbra. O centro desse andar está ocupado por uma exata reprodução da câmara funerária com o ataúde do «Senhor de

Sipán», oferendas e acompanhantes, tal como se encontrou no momento que foi descoberta. Em seguida há um recinto destinado à tumba do sacerdote e de seus ornamentos. Descendo ao primeiro andar, no lugar mais profundo da sala, repousam os restos ósseos originais do «Senhor de Sipán», respeitosamente acondicionados e que evidenciam o caráter de Museu - Mausoléu, destinado aos governantes mochicas. No centro da sala, o visitante terá ao nível de seus olhos o conteúdo da câmara funerária que observou no segundo andar. Há outra seção destinada a tumbas de diferentes épocas e hierarquias, como chefes militares ou assistentes religiosos que formavam parte da elite mochica.

O espaço mais amplo está destinado à tumba do «Velho Senhor de Sipán», o mais antigo governante encontrado, cujos ornamentos e insígnias são de similar suntuosidade e qualidade que as do primeiro «Senhor» descoberto, de quem seria o antecessor em duas gerações, talvez. Desde devedado nos surpreendeu a complexidade e simbolismo de cada uma de suas jóias e ornamentos reais como o extraordinário colar de dez imagens de aranhas de ouro, a delicadeza da narigueira de ouro e prata que representaria a imagem do «Senhor» em miniatura, com uma impressionante coifa em forma de coruja com as asas abertas. As imagens religiosas representando ao deus caranguejo, um felino antropomorfo coroado de serpentes, impactam a qualquer visitante assim como um peitoral representando os tentáculos de um polvo. Em um lugar central e especial se guardam também os restos desse ilustre governante.

Quando o visitante pensa ter concluído sua visita, uma porta se abrirá ao passado que o levará à «Casa Real do Senhor de Sipán», uma vívida reprodução, onde manequins de 35 personagens, com ambientação de luz, música de instrumentos nativos e movimento, o transportarão à época esplendorosa da corte real mochica. ●

Cortesia da Revista *Bienvenida / Turismo Cultural do Peru* / www.bienvenida-peru.com